



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8677316>

Artigo Original

## Por uma comunidade epistêmica da Luta Marajoara

*For an epistemic community of Marajoara Wrestling*

*Por una comunidad epistémica de la Lucha Marajoara*

Carlos Afonso Ferreira dos Santos<sup>1</sup>   
 Rogério Gonçalves de Freitas<sup>2</sup>   
 Renan Santos Furtado<sup>1</sup>   
 Welison Alan Gonçalves Andrade<sup>3</sup>   
 Fábio José Cardias-Gomes<sup>4</sup> 

### RESUMO

**Introdução:** Pesquisadores, professores, artistas, cinegrafistas, instituições regulamentadoras e fazedores de políticas têm se interessado cada vez mais pela luta tradicional do Marajó, o que tem contribuído para a sua valorização, difusão, reconhecimento e produção do conhecimento. **Objetivo:** explorar o reconhecimento e a consolidação da Luta Marajoara como um campo particular, merecedor de sua própria comunidade epistêmica. **Metodologia:** o ensaio segue as orientações epistemológicas do trabalho intelectual como artesanato, utilizando a literatura e reflexões existentes como um laboratório analítico para mapear a rede epistêmica da Luta Marajoara. **Resultados e discussão:** indica-se princípios fundamentais para o estabelecimento de uma comunidade epistêmica para a Luta Marajoara: intercâmbio de saberes locais e acadêmicos; colaboração pluridisciplinar; sustentabilidade; e honestidade e integridade acadêmica. **Considerações Finais:** uma comunidade epistêmica da Luta Marajoara desempenharia o papel de registrar a memória, avaliar e produzir conhecimento socialmente relevante sobre essa luta brasileira. Ela agregaria atores com experiência e competência legitimada para compreender suas práticas e propor avanços qualitativos nas pesquisas, imbricando os campos científicos e sociais na busca por maior reconhecimento e valorização desta prática corporal nortista-brasileira.

**Palavras-chave:** Luta marajoara. Artes marciais. Conhecimento.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, Escola de Aplicação, Belém-PA, Brasil.

<sup>2</sup> Centre de Services Scolaire de Montréal, Quebec, Canadá.

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Belém-PA, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz, Imperatriz-MA, Brasil.

#### Correspondência:

Carlos Afonso Ferreira dos Santos. Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, Avenida Perimetral, 1000, Terra Firme, Belém - PA, CEP 66095-780. Email: [afonso.fersantos@gmail.com](mailto:afonso.fersantos@gmail.com)



## ABSTRACT

**Introduction:** Researchers, professors, artists, filmmakers, regulatory institutions, and policymakers have increasingly shown interest in the traditional Marajó wrestling, contributing to its appreciation, dissemination, recognition, and knowledge production. **Objective:** To explore the recognition and consolidation of Marajoara Wrestling as a distinct field deserving its own epistemic community. **Methodology:** The essay follows the epistemological guidance of intellectual work as craftsmanship, using existing literature and reflections as an analytical laboratory to map the epistemic network of Marajoara Wrestling. **Results and Discussion:** It indicates fundamental principles for establishing an epistemic community for Marajoara Wrestling: exchange of local and academic knowledge; multidisciplinary collaboration; sustainability; and academic honesty and integrity. **Conclusions:** An epistemic community for Marajoara Wrestling would play the role of recording memory, evaluating, and producing socially relevant knowledge about this Brazilian martial art. It would bring together actors with legitimate experience and competence to understand its practices and propose qualitative advancements in research, intertwining scientific and social fields in the pursuit of greater recognition and appreciation of this northern Brazilian physical practice.

**Keywords:** Marajoara wrestling. Martial arts. Knowledge.

## RESUMEN

**Introducción:** Investigadores, profesores, artistas, cineastas, instituciones reguladoras y responsables de políticas han mostrado un interés creciente en la lucha tradicional de Marajó, lo que ha contribuido a su valorización, difusión, reconocimiento y producción de conocimiento. **Objetivo:** Explorar el reconocimiento y la consolidación de la Lucha Marajoara como un campo particular, merecedor de su propia comunidad epistémica. **Metodología:** El ensayo sigue las orientaciones epistemológicas del trabajo intelectual como artesanía, utilizando la literatura y reflexiones existentes como un laboratorio analítico para mapear la red epistémica de la Lucha Marajoara. **Resultados y Discusión:** Se indican principios fundamentales para el establecimiento de una comunidad epistémica para la Lucha Marajoara: intercambio de saberes locales y académicos; colaboración multidisciplinaria; sostenibilidad; y honestidad e integridad académica. **Conclusiones:** Una comunidad epistémica de la Lucha Marajoara desempeñaría el papel de registrar la memoria, evaluar y producir conocimiento socialmente relevante sobre esta lucha brasileña. Reuniría a actores con experiencia y competencia legítima para comprender sus prácticas y proponer avances cualitativos en las investigaciones, entrelazando los campos científicos y sociales en busca de un mayor reconocimiento y valorización de esta práctica corporal del norte de Brasil.

**Palabras Clave:** Lucha marajoara. Artes marciales. Conocimiento.

## INTRODUÇÃO

A caixa de pandora da Luta Marajoara foi aberta e tem nos mostrado que esta prática corporal, tradicional do norte do país, representa hoje não apenas uma atividade para o caboclo do Marajó se entreter no tempo livre, mas também uma manifestação cultural que pode se adaptar ao contexto das demandas contemporâneas, sendo capaz de ser transformada em esporte, conteúdo de ensino da Educação Física escolar e objeto de estudo das diversas áreas do conhecimento.

Em torno deste contexto, pesquisadores, professores, artistas, cinegrafistas, instituições regulamentadoras e fazedores de políticas têm se interessado cada vez mais por essa prática, contribuindo para sua valorização, difusão, reconhecimento e produção de conhecimento. Significa dizer que existe um diálogo possível de ser feito reunindo variadas vozes para tratar sobre as dimensões de tradição, técnica, estética, linguagem, educação, esporte, políticas públicas, saúde, entre outros aspectos relacionados à prática da Luta Marajoara. Uma possibilidade dialógica que nos faz ponderar: a Luta Marajoara não poderia ser reconhecida como um campo merecedor de sua própria comunidade epistêmica?

Uma comunidade epistêmica pode ser definida como um grupo de pesquisadores, políticos, administradores e outros profissionais oriundos de diversas áreas disciplinares, interessados em conhecimentos e práticas comuns. Nela, há um esforço contínuo para produzir, disseminar e avaliar os conhecimentos emergentes desse campo específico. Em outras palavras, uma comunidade epistêmica é uma rede de profissionais que geralmente possuem um conjunto compartilhado de princípios e crenças baseados na racionalidade da ação social dos membros da comunidade (Haas, 1992). Esses profissionais compartilham entendimentos causais derivados de suas práticas, contribuindo para a resolução de problemas.

Sob uma perspectiva crítica e marxista, o conceito de comunidade se baseia em uma organização social na qual os indivíduos não são alienados dos produtos do seu trabalho – materiais ou intelectuais –, valorizando relações sociais autênticas e igualitárias. Sua existência está ligada à produção e mobilização do conhecimento. Assim, a epistemologia – reflexão sobre a natureza do conhecimento – é a essência da comunidade: seu dinamismo e interações com o mundo real. Isso não significa que dentro das comunidades epistêmicas não haja divergências acadêmicas ou científicas, pelo contrário, é dentro delas que as controvérsias são acolhidas e respeitadas.

Considerando tal conceito de comunidade, este ensaio de orientação reflexiva, tem o objetivo de explorar o reconhecimento e consolidação da Luta Marajoara como um campo particular, merecedor de sua própria comunidade epistêmica. Para tanto, utilizou-se a literatura e elaborações acadêmicas

existentes como um laboratório analítico para mapear a rede epistêmica da Luta Marajoara.

O ensaio segue as orientações epistemológicas do trabalho intelectual como artesanato, partindo das experiências de vida e profissionais dos autores para subsidiar a reflexão criativa e propositiva sobre o objeto de pesquisa (Mills, 2009). Teoricamente, propõe-se a analisar os círculos acadêmicos que se debruçam no estudo da Luta Marajoara, refletindo estratégias para fomentar um senso de comunidade entre lutadores, pesquisadores, artistas, professores, instituições e demais interessados por esta luta.

Estruturalmente, o trabalho é organizado em torno de tópicos. O primeiro tópico traça um panorama dos estudos sobre a Luta Marajoara. O segundo aborda o princípio da exclusão competitiva e sua relação com o capitalismo acadêmico, destacando as implicações na produção de conhecimento sobre essa luta. O terceiro enfatiza que a ciência não é uma aventura solitária. O último tópico propõe alguns princípios para a comunidade epistêmica da Luta Marajoara.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **MAPEANDO O CONHECIMENTO DA LUTA MARAJOARA: CAMPOS DE ESTUDO E PERSPECTIVAS FUTURAS**

Pensar sobre os campos de estudos da Luta Marajoara é um aspecto que ajuda a referendar a necessidade de uma comunidade epistêmica em torno dela, dado que, na medida em que o campo de conhecimento na sua imbricação com o campo social se desenvolve, existe certa tendência de as práticas da luta avançarem. No caso da Luta Marajoara, em virtude da produção inicial de trabalhos acadêmicos que abordam a temática, a questão da estruturação dos seus campos de estudo se torna ainda mais desafiadora, uma vez que estamos vivenciando no tempo presente a construção de uma tradição em torno dessa prática corporal.

Contudo, sinalizações sobre a organização dos campos de estudos da Luta Marajoara já podem ser verificadas. Nesse sentido, por ora, arriscamo-nos no seguinte movimento, inicialmente, apresentaremos o que algumas produções nos indicam a respeito dos estudos acerca da Luta Marajoara. Em seguida, faremos a investida de pensar quais esforços e campos de estudos a comunidade epistêmica da Luta Marajoara pode se debruçar a curto e médio prazo. Cabe destacar que nossa intenção não é fazer apontamentos legislativos ou conclusivos sobre o campo de conhecimento, mas contribuir para a discussão como sujeitos identificados com os significados e potencialidades dessa manifestação cultural paraense.

No que diz respeito aos campos de estudo que emergiram em torno da Luta Marajoara, identificam-se três principais temas: escolarização, caracterização técnica e conversão em esporte regulamentado/esportivização. Estes temas podem ser mais bem compreendidos à luz de eventos recentes nas esferas educacional e esportiva, que ajudaram na visibilidade e reconhecimento da Luta Marajoara regional e nacionalmente.

No campo educacional, em setembro de 2015, o Ministério da Educação (MEC) divulgou a 1ª versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual a Luta Marajoara foi citada como uma luta brasileira (Brasil, 2015). Em dezembro de 2017, a versão final da BNCC foi publicada, referendando-a como uma luta brasileira que deve ser abordada no ensino fundamental dentro da unidade temática lutas, no componente curricular Educação Física (Brasil, 2017). Devido ao caráter de amplitude nacional e o potencial de indutor de construções curriculares e práticas pedagógicas do documento de orientação curricular nacional, a inclusão da Luta Marajoara na BNCC despertou, em parte do campo acadêmico da Educação Física brasileira, a curiosidade em conhecer mais sobre os aspectos técnicos, culturais e históricos dessa prática corporal.

Outro movimento importante para a visibilidade da Luta Marajoara no cenário nacional é a aparição de lutadores de Artes Marciais Mistas (MMA) nascidos na Ilha do Marajó no *Ultimate Fighting Championship* (UFC), considerado desde os anos 2000 o maior evento de MMA do mundo. Iuri Marajó estreou no UFC em 2011 e seu irmão Ildemar Alcântara em 2013. Esses atletas de Soure/Pará fizeram com que a Luta Marajoara passasse a ser conhecida pelo grande público consumidor de MMA fora do Brasil. Anos depois, a visibilidade da Luta Marajoara no MMA ganhou um novo e mais emblemático capítulo com o lutador Deiveson Alcântara Figueiredo, também de Soure/Pará, que estreou com vitória no UFC em junho de 2017 e em 2020 tornou-se campeão mundial do peso mosca. Devido à amplitude e repercussão do UFC no mundo dos esportes de combate espetacularizados, é inegável que a presença de lutadores marajoaras e as matérias jornalísticas e documentários sobre eles e a Luta Marajoara ampliaram a visibilidade da luta, despertando maiores interesses na produção de conhecimento.

É justamente no entremeio desses notáveis acontecimentos nos campos da política educacional e esportiva, que ampliaram a visibilidade da Luta Marajoara além da Ilha do Marajó, que se constitui um campo de estudos focado na escolarização e esportivização dessa luta. Santos e Freitas (2018) realizaram um estudo pioneiro sobre a Luta Marajoara na educação escolar, abordando a ausência dessa prática nos currículos escolares em Soure/Pará e destacando a necessidade de sua tematização na Educação Física devido seu valor heurístico e sociocultural. Além da discussão educacional, os autores também exploraram a possível origem da Luta Marajoara, sugerindo que ela pode ter se originado dos saberes dos vaqueiros da ilha, embora os apontamentos históricos não sejam conclusivos.

Após a identificação da ausência da Luta Marajoara em práticas pedagógicas na Ilha do Marajó (Santos; Freitas, 2018), surgiram estudos que constataram sua omissão nos currículos e práticas pedagógicas de cursos de formação de professores em Educação Física do estado do Pará (Santos; Gomes; Freitas, 2020) e em academias de ginástica de Belém/Pará (Santos; Andrade; Freitas, 2021). Esses trabalhos afirmam uma posição similar sobre a marginalização e esquecimento da Luta Marajoara, que remete à priorização das práticas de combate hegemônicas e tradicionalmente consolidadas, seja nos currículos dos cursos de formação de professores ou em academias de ginástica, onde, em decorrência da tendência da escolha pelo hegemônico em termos socioculturais, a oferta de práticas de lutas é ajustada aos gostos e preferências dos clientes.

Do ponto de vista da constituição de campos de estudos, os três últimos trabalhos supracitados demonstram abertamente a vontade dos seus autores de legitimar a Luta Marajoara como campo de conhecimento que precisa fazer parte dos âmbitos de formação e atuação do professor de Educação Física. Temos, então, um conjunto de produções que defendem o reconhecimento da Luta Marajoara como parte da cultura corporal brasileira, devendo integrar projetos emancipatórios, democráticos e inclusivos de formação.

Esses estudos parecem ter influenciado a divulgação de experiências pedagógicas com a Luta Marajoara em diferentes etapas da educação básica. Santos, Andrade e Freitas (2023a) apresentam uma sequência pedagógica de três aulas sobre a Luta Marajoara com estudantes do 3º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Soure/Pará. Lima *et al.* (2023) compartilham uma experiência pedagógica com estudantes da 3ª série do ensino médio em uma escola pública de Campos Sales, Ceará. Furtado (2023) relata, por meio de uma experiência de ensino em uma escola pública federal em Belém/Pará, que a Luta Marajoara possui potencial para despertar o engajamento dos estudantes, em virtude do contexto regional de produção da luta e dos simbolismos da prática.

No mesmo período em que ocorreu a publicação dos primeiros trabalhos que versam sobre a presença/ausência da Luta Marajoara em dinâmicas formativas, emergem as primeiras produções que visam entender as suas especificidades técnicas, como observado em Campos, Borba-Pinheiro e Gouveia (2019) e Campos *et al.* (2022). Tais estudos apontam para a imprevisibilidade dos confrontos de Luta Marajoara, que possuem dinâmica intensa em torno do desafio de colocar o oponente de costas no solo, ocorrendo tanto em pé como no chão de areia, grama ou argila. Outro ponto interessante de ser notado é que muitos dos nomes das técnicas de ataque, contra-ataque e defesa da Luta Marajoara revelam o contexto cultural da região de origem da luta. Como exemplo, podemos citar as técnicas da cabeçada, calçada, lambada, desgalhada, boi laranjeira, espalhada, recalçada, enfiçada e recolhida (Campos *et al.*, 2022).

Por último, é perceptível que os processos e discussões a respeito da esportivização da Luta Marajoara também têm despertado o interesse de um conjunto de pesquisadores. Na perspectiva de Elias e Dunning (2019), cabe compreendermos que o agrupamento de sujeitos de diferentes cidades em torno dessa prática, a demanda pela maior padronização de regras e regulamentações das disputas, a tentativa de construção de calendários de competições que transcendam as datas e comemorações festivas e a busca pela maior divulgação da Luta Marajoara em território nacional, revelam a emergência de um processo de esportivização de longa duração, que encontra suas raízes nas primeiras décadas do presente século.

Os trabalhos de Santos, Andrade e Freitas (2023b) e Nunes *et al.* (2023) tratam das implicações e desafios oriundos da criação da Federação Paraense de Luta Marajoara (FPLM). De modo geral, por distintas posições e caminhos teórico-metodológicos, e dialogando com sujeitos envolvidos no campo da Luta Marajoara, esses estudos demonstram que os desafios da esportivização dessa manifestação cultural transcendem os passos clássicos da regulamentação esportiva, uma vez que em virtude da localização regional e da relação já estabelecida da Luta Marajoara com o campo escolar, criam-se tensões que expressam as diferenças entre as lógicas sociais da prática da agarrada marajoara tradicional, do esporte regulamentado e da escola.

Considerando o espectro da produção de conhecimento e do campo social da Luta Marajoara discutidos, sugerimos três caminhos de pesquisa, que na verdade devem ser vistos como uma agenda de estudos em construção que pode potencializar o campo epistêmico da Luta Marajoara: 1) Investigações sobre questões históricas e socioculturais da Luta Marajoara. 2) Legitimação curricular da Luta Marajoara. 3) Relações entre esportivização e tradição. A seguir, faremos alguns apontamentos sobre eles.

Em virtude da origem ainda incerta da Luta Marajoara, dos seus lugares tradicionais de prática (fazendas, festas populares e comunidades rurais, ribeirinhas e quilombolas), das memórias de velhos lutadores e dos conhecimentos técnicos (regras, golpes e táticas) que a permeiam serem temáticas ainda pouco abordadas na literatura acadêmica, é necessário o aprofundamento de estudos sobre questões históricas e socioculturais dessa manifestação cultural. Seja no sentido da busca por fontes orais, arqueológicas ou por meio de instrumentos antropológicos de pesquisa, é fundamental que as investigações históricas e socioculturais sobre esta luta avancem. Na perspectiva que temos discutido o campo epistêmico da Luta Marajoara, as investigações de tais aspectos em torno dessa manifestação cultural podem ajudar na legitimação do seu ensino em instituições formativas, como a escola, além de ampliar a compreensão acerca de sua produção social no decorrer da história da luta.

Vale dizer que, com o termo estudos socioculturais, queremos ratificar a necessidade de investigações interdisciplinares sobre a Luta Marajoara. Questões de tradição, cultura, identidade, linguagem, estética, simbolismo, processos de difusão da luta em nível regional, nacional e global, história e circulação dos sujeitos que constituem o campo e usos do corpo na Luta Marajoara são aspectos que podem compor investigações oriundas de diferentes campos de conhecimento. Dentro deste campo de estudo, concebemos também as pesquisas sobre as técnicas da Luta Marajoara, dado que, desde o clássico ensaio de Mauss (2003) sobre as técnicas do corpo, faz bem mais sentido olharmos para o gesto técnico como expressão da cultura, como um elemento característico dos seres humanos, dotado de tradição e eficácia simbólica para um determinado grupo. Nessa perspectiva, o estudo dos elementos técnicos da Luta Marajoara, seus usos, restrições e aperfeiçoamentos, pode se engrandecer com o olhar antropológico, na medida em que pensamos a técnica como ação humana repleta de intencionalidade localizada no tempo e espaço.

A respeito do campo de estudos que denominados de legitimação curricular da Luta Marajoara, pensamos que pesquisas dentro desse eixo são fundamentais para a afirmação da luta como objeto de conhecimento da escola em geral, e das aulas de Educação Física em particular. Na medida em que a Luta Marajoara foi reconhecida como objeto de conhecimento da Educação Física escolar pela BNCC (Brasil, 2017) e passou a ganhar espaço na produção de conhecimento desta área, surge então o desafio de pensar a sua presença nos currículos da educação básica nas diferentes etapas e modalidades de ensino. Nesse sentido, a produção de reflexões e propostas didáticas, como a elaborada por Santos, Andrade e Freitas (2023a) para o 3º ano do ensino fundamental, é uma demanda que necessita se estender para as outras séries do ensino fundamental e para a última etapa de ensino da educação básica. No final das contas, os objetos de conhecimento também se legitimam no campo escolar quando conseguem se operacionalizar em práticas cotidianas que estejam conectadas com os diferentes sujeitos da educação básica e suas experiências de vida (Vago, 2012).

É fundamental frisar, como constatado por Santos, Andrade e Freitas (2021), que os esforços para a construção de estudos sobre o lugar da Luta Marajoara nos currículos da educação básica precisam se conectar com o campo da formação inicial de professores. Portanto, é desejável que os cursos de formação inicial de professores em Educação Física passem a abordar lutas e práticas corporais amazônicas, assim como as de matriz indígena e africana. Se assim for, a formação de professores passa a cumprir não somente a sua função mais elementar de ensino de expressões da cultura corporal, mas pode também fortalecer o movimento de pesquisas em torno da presença da Luta Marajoara e de outras práticas corporais brasileiras nos currículos da educação básica, colaborando com a legitimidade da Educação Física escolar e com o fortalecimento da área no meio acadêmico-científico.

Por último, situamos o campo de estudos nomeado de relações entre esportivização e tradição. Vale dizer que não estamos advogando que a definição dos rumos sociais e a resolução das tensões do campo da Luta Marajoara devam ser obra exclusiva da comunidade epistêmica. No entanto, é função do campo científico elaborar análises e interpretações sobre as questões emergentes do universo da Luta Marajoara. Certamente, uma dessas questões envolve as reflexões sobre os elementos de tradição e modernidade que impactam no desenvolvimento da luta. Grosso modo, podemos considerar que compreender a Luta Marajoara na contemporaneidade significa entender os meandros do seu processo de esportivização, ou seja, acompanhar os movimentos de regulamentação e definições acerca de questões técnicas, regras e desenvolvimento de competições.

No limite, a comunidade epistêmica da Luta Marajoara terá ainda mais êxito ao reconhecer sua função como produtora de uma tradição que está se formando no tempo presente. Além disso, a construção de uma rede epistêmica tende a visualizar, nos variados campos de estudos e discussões emergentes, possibilidades para o crescimento e avanço das práticas relacionadas a esta manifestação cultural paraense, abrangendo aspectos acadêmicos conectados com sua produção social, com as diversas formas de manifestação da luta e com as distintas instituições e sujeitos engajados que, de modo colaborativo, se envolvem com sua legitimação na sociedade. A discussão a seguir analisa elementos da produção de conhecimento sobre a Luta Marajoara, destacando princípios para a construção de sua comunidade epistêmica.

### **PRINCÍPIO DA EXCLUSÃO COMPETITIVA (LEI DE GAUSE) E O CAPITALISMO ACADÊMICO**

No livro *The Struggle for Existence*, o ecologista russo Gause discute o que viria a ser conhecido como princípio da exclusão competitiva. Segundo esse princípio, duas espécies com nichos ecológicos idênticos não podem coexistir indefinidamente em um ambiente estável, pois a intensa competição gera uma pressão insustentável fazendo com que apenas uma espécie sobreviva. Durante a primeira metade do século XX, os experimentos de Gause com protozoários, que fundamentaram o princípio da exclusão competitiva, pareciam seguir uma trajetória paralela aos debates políticos e econômicos da época. O mundo estava imerso em um confronto ideológico entre as políticas de intervenção estatal na economia global contra os princípios do livre mercado.

Observa-se que o campo acadêmico foi influenciado por essas últimas ideias supracitadas, especialmente pela incorporação das práticas capitalistas no contexto acadêmico. A validação da “verdade” passou a ser medida pela quantidade de artigos publicados, em detrimento da qualidade e do desenvolvimento de uma epistemologia crítica capaz de garantir conhecimento transformador e socialmente relevante. A ciência deteriora-se, deixando a ética científica e os seus princípios originários de lado, reverenciando uma ética em

que o comportamento econômico mobiliza o capital humano das instituições de ensino e pesquisa a glorificarem uma razão neoliberal a qual já transformou a lógica das instituições em um capitalismo acadêmico (Slaughter; Leslie, 1997; Dardort; Laval, 2016). Diante disso, questiona-se: será que a produção atual de conhecimento sobre a Luta Marajoara respeita o princípio da exclusão competitiva? Ou é possível identificar elementos de colaboração, solidariedade humana e científica no âmbito desse campo ainda em formação?

### **A CIÊNCIA NÃO É UMA AVENTURA SOLITÁRIA**

O desejo intrínseco por novas descobertas frequentemente nasce de uma aventura solitária, pessoal, silenciosa e subjetiva. No entanto, o florescimento e desenvolvimento do conhecimento só ocorrem quando essa jornada individual se transforma em uma caminhada coletiva. No meio acadêmico, "caminhar juntos" tornou-se desafiador, apesar da existência de "grupos de pesquisa", instituições de fomento à pesquisa, performatividades e da falsa noção de que a ciência é realizada por muitas pessoas em uma vasta comunidade chamada de científica.

No contexto da Luta Marajoara, parece haver uma corrida pela verdade, seja histórica (como a origem dessa luta) ou relacionada aos grandes temas explorados pela epistemologia desse campo, como os estudos sobre a relação da Luta Marajoara com a escolarização, esportivização e outros temas. Essa corrida pela verdade se faz pelo emaranhado de vozes que se encontram dentro e fora das instituições formais de ensino. Dentro das instituições, encontram-se alguns pesquisadores, professores e um número crescente de organizações que desejam representar formalmente a luta. Fora das instituições estão os grupos informais que se reúnem virtualmente, em redes sociais, em competições amadoras e personalidades e lideranças que contam com certa legitimidade daquilo que poderíamos chamar de "opinião pública da Luta Marajoara". Observa-se, frequentemente, uma busca pela verdade em que a impaciência profissional, científica ou até mesmo moral prevalece em detrimento do respeito e diálogo humano por uma ciência progressista.

À medida que o campo do conhecimento se desenvolve e se conecta com a sociedade, surgem oportunidades para avançar em práticas educacionais, esportivas e outros tópicos emergentes deste campo. No entanto, a Luta Marajoara enfrenta o desafio de escassez de pesquisas acadêmicas, já indicado anteriormente. A estruturação desses campos de estudo é complexa, considerando a construção de uma tradição em torno da luta. Acerca disso perguntamos: os pesquisadores que escrevem sobre a Luta Marajoara reconhecem o potencial desse campo para se transformar em uma comunidade epistêmica?

Aliás, é importante que os sujeitos envolvidos com a produção de conhecimento sobre a Luta Marajoara compreendam a necessidade pela inovação

das formas de elaborar reflexões e encontrar certas informações referentes à luta. Trata-se de um campo notavelmente dinâmico, talvez em ebulição de ideias e perspectivas de futuro. Nesse sentido, muitos dos episódios que marcam a trajetória da Luta Marajoara, por vezes, ocorrem de modo solitário, ou mesmo, ainda passam despercebidos pelos intérpretes do campo acadêmico. Por esta razão, as pesquisas no âmbito da Luta Marajoara precisam ser tratadas do ponto de vista do trabalho do artesão intelectual (Mills, 2009), que vai aos poucos construindo reflexões, datando certos acontecimentos e produzindo narrativas explicativas a partir de ocorrências políticas, sociais e culturais que perfazem a história do tempo presente da Luta Marajoara.

Conforme sugerido neste ensaio, a comunidade epistêmica da Luta Marajoara pode concentrar esforços em campos de estudo a curto e médio prazo e de outras demandas para o futuro. Esse movimento demanda a colaboração para a criação de círculos epistêmicos sobre a Luta Marajoara. Para afirmar que a ciência não é uma aventura solitária, propomos círculos epistêmicos fora da Universidade e da escola. Esses círculos reconhecem que a matéria-prima do conhecimento acadêmico não nasce apenas nas instituições de ensino. Sua substância vem de fora, do mundo vivido, das comunidades marajoaras, dos campeonatos, do contato com os lutadores e das histórias orais dos idosos (Elders) das comunidades, observando-se a relevância dos estudos de memórias de velhos, como o de Bosi (1994). Nesse sentido, perguntamos: o vasto conhecimento sobre o campo da Luta Marajoara pode motivar um caminho coletivo em vez de solitário?

### **POR UMA COMUNIDADE EPISTÊMICA PARA A LUTA MARAJOARA**

Acreditamos que a Luta Marajoara, possuidora de raízes profundas na história e na cultura da população marajoara, tem potencial de fornecer matéria prima em forma de conhecimento e saber. Ela merece uma comunidade epistêmica comprometida em compreender, preservar e desenvolver seus valores.

Com base na definição de Haas (1992), podemos dizer que a constituição de uma comunidade epistêmica para a Luta Marajoara se configura como uma rede interessada no compartilhamento de práticas comuns relacionadas à produção de conhecimento sobre essa luta. Embora os membros da comunidade possam derivar de diferentes campos disciplinares, como se tem notado na literatura acadêmica dos últimos anos, é importante que, na configuração da comunidade epistêmica da Luta Marajoara, algumas características sejam observadas. A partir do postulado de Haas (1992), pode-se destacar: um conjunto de crenças e princípios compartilhados acerca dos objetos de análise da Luta Marajoara; crenças causais compartilhadas e análise das problemáticas que envolvem o campo empírico da luta; e noções compartilhadas de validação do conhecimento dentro do domínio particular desse campo.

Partindo da compreensão de que uma comunidade epistêmica é composta por pessoas com competência e autoridade legitimada em uma área de conhecimento (Haas, 1992), delineamos a seguir quatro princípios fundamentais para estabelecer uma comunidade epistêmica para a Luta Marajoara, que dialogam com elementos integradores, colaborativos e de solidariedade na produção social e científica da Luta Marajoara.

## **1. PRINCÍPIO DOS INTERCÂMBIOS DE SABERES LOCAIS E ACADÊMICOS**

Uma comunidade epistêmica da Luta Marajoara deve ser um ponto de encontro onde os saberes tradicionais tenham lugar de trocas e, sobretudo, um lugar de conhecimento seguro, onde os agentes destes conhecimentos possam se responsabilizar por essa segurança. Entendemos por segurança um espaço no qual cada pessoa exerça poder e direito de fala, onde o espaço da discussão não silencie a livre expressão. Além disso, refere-se ao direito que todos têm de produzir conhecimento sobre a luta e que ninguém seja capaz de “assenhorar-se” dele. Intercâmbios devem ser espaços de confiança entre os que participam das trocas de conhecimentos. Um lugar onde não haja hierarquias de saberes ou de posições detentoras de “conhecimentos”. A troca de saberes não deve obedecer a lógica colonial do conhecimento, de sobreposição de verdades ou da verdade única. Intercâmbios originais e saudáveis não obedecem a lógica do capitalismo acadêmico.

O princípio do intercâmbio de saberes se manifestou com intensidade no contexto de regulamentação esportiva da Luta Marajoara, quando houve interação entre diversos autores (professores, lutadores locais, autoridades especializadas em lutas) e a criação de um engajamento coletivo para avançar na institucionalização esportiva da luta (Santos; Andrade; Freitas, 2023b). Considerando que a organização e construção do conhecimento sobre a Luta Marajoara também envolvem a análise dos eventos relacionados a sujeitos, entidades e práticas da luta, é essencial que sua comunidade epistêmica compreenda as diversas relações na vivência empírica da Luta Marajoara. Dessa forma, todas as vozes e práticas são consideradas, conferindo legitimidade ao conhecimento produzido tanto no campo científico quanto no social.

Os saberes locais, como expressou Geertz (1997, p. 11), indicam um caminho na construção de saberes sobre a Luta Marajoara que compreende a pluralização como fundamento. Baseado no autor, sugere-se uma epistemologia que prioriza o encontro de formas de saberes diversos, “inevitavelmente locais e inseparáveis de seus instrumentos”, adjetivados como práticos, leves, não metódicos e acessíveis. Em uma relação de compartilhamento com os saberes acadêmicos, o intercâmbio de conhecimentos tende a evitar a reprodução da monocultura do conhecimento científico. Na perspectiva da Luta Marajoara, essa

compreensão aponta para um diálogo de saberes capaz de criar conhecimento socialmente relevante para o reconhecimento e consolidação científica da luta.

## **2. PRINCÍPIO DA COLABORAÇÃO PLURIDISCIPLINAR**

A Luta Marajoara é heterogênea, logo, seu conhecimento não pode obedecer a uma lógica uniforme de construção de conhecimento. Essa comunidade deve ser plural e integrar pessoas interessadas: lutadores, ex-lutadores, parentes de lutadores, lideranças comunitárias, Elders (anciãos), artistas, professores, alunos, pesquisadores, gente de todo o mundo, que falem outras línguas, de outros lugares, que tenham interesses por lutas tradicionais iguais a Luta Marajoara. Colaboração pluridisciplinar permite visão holística e isso facilita a tomada de decisões democráticas sobre projetos, políticas e ações para o reconhecimento da luta.

Além da diversidade de sujeitos, grupos e instituições que devem constituir a produção de conhecimento no campo da Luta Marajoara, faz-se necessária a compreensão de que a natureza incipiente dos estudos a respeito da luta sugere a demanda pela incorporação de teorias e narrativas epistemológicas oriundas de distintos campos de conhecimento. Essa parece já ser uma tendência em plena execução quando examinamos os trabalhos sobre esportivização, escolarização e a questão técnica da Luta Marajoara. Nesse sentido, caso a produção sobre a Luta Marajoara gire em torno daquilo que tem sido construído somente pelos atores do seu campo, corre-se o risco das reflexões mais profundas e das grandes descobertas estagnarem em curto prazo. No entanto, não estamos dizendo que o fazer científico no âmbito da Luta Marajoara deve ser refém das outras áreas de conhecimento no nível específico das suas interpretações, mas que o diálogo necessita ocorrer no sentido da busca por conceitos, metodologias e epistemologias que possam sustentar pesquisas de maior amplitude teórica sobre a Luta Marajoara.

Outro ponto de reflexão diz respeito à constituição atual dos círculos acadêmicos que estudam a Luta Marajoara. Na conjuntura contemporânea de produção de conhecimento sobre a luta, observam-se grupos distintos conduzindo análises sobre temas de pesquisa em grandes áreas como educacional, esportivo, cultural, tradicional, saúde e formação docente (Lima; Pereira; Rufino, 2023). Segundo a análise dos autores, o uso de referenciais metodológicos e dinâmicas investigativas diversas tem possibilitado análises diferenciadas sobre o fenômeno, permitindo discussões aprofundadas sobre a Luta Marajoara. Esse movimento também se reflete em eventos científicos sobre a luta brasileira, que têm contado com a participação de autores de diferentes bases epistemológicas, cada um defendendo sua interpretação teórica da Luta Marajoara.

Nesses termos, para a estruturação de uma comunidade epistêmica para a Luta Marajoara defendemos o avanço na colaboração pluridisciplinar, promovendo

o compartilhamento de teorias que ampliem os já consolidados campos de estudo sobre a luta. Isso visa evitar a dispersão de pesquisas e grupos, fomentando o diálogo sobre as perspectivas atuais e futuras dos temas emergentes e das bases epistemológicas que fundamentam o fazer científico da Luta Marajoara, além da avaliação dos conhecimentos desse campo específico.

### **3. PRINCÍPIO DA SUSTENTABILIDADE**

O futuro das gerações vindouras deve ser garantido pelas gerações presentes. Isso implica dizer que se continuarmos poluindo o ar e a água, consumindo e degradando o meio ambiente sem controle, não haverá futuro para os próximos de nós. É premente a necessidade de preservar, cuidar e nos reconectar com o que nos mantém vivos e que muitas vezes esquecemos que também somos: natureza.

A Luta Marajoara é uma manifestação cultural que, em sua forma tradicional, expressa a importância da defesa e proteção da natureza. Sem o meio ambiente, não seria possível a Luta Marajoara. Sem as influências de animais selvagens e das paisagens campesinas, litorâneas e lacustres da grande Ilha de Marajó, provenientes de uma relação harmoniosa e saudável com a natureza, o conjunto de técnicas (regras, golpes e táticas) – e a forma como são executadas e denominadas – e a finalização tradicional da Luta Marajoara, certamente não existiriam com os reflexos de identidade, criatividade e originalidade que possuem. Sem as belezas naturais da ilha, tampouco existiriam seus espaços tradicionais de luta, como praias, fazendas e festas populares, especialmente aquela realizada dentro da mata (Andrade; Carvalho, 2024). Portanto, é correto afirmar que a prática da Luta Marajoara, em sua forma mais tradicional, evidencia a importância da conservação e proteção do meio ambiente para as gerações futuras, um dos pilares fundamentais da sustentabilidade, seja para quem a pratica, para quem a assiste ou para a própria natureza. Por isso, cada evento, pesquisa, artigo ou manifestação geral da Luta Marajoara deveria refletir, direta ou indiretamente, a defesa de um planeta mais sustentável para os atuais e futuros habitantes.

Em relação à articulação da comunidade epistêmica na defesa do princípio da sustentabilidade nos acontecimentos que giram em torno da Luta Marajoara, atribuímos a ela a função de produtora de conhecimento e avaliadora dos aspectos que reforcem a caracterização da Luta Marajoara como prática de resistência cultural e ambiental na região amazônica. Isso envolve a realização de investigações e colaborações pluridisciplinares destinadas a fortalecer as conexões da Luta Marajoara com seu território, os espaços sociais e naturais onde tradicionalmente se desenvolveu e se desenvolve a sua prática, assim como com os sujeitos produtores de sua tradição, o que inclui, especialmente, o estabelecimento de discussões científicas sobre as bases socioculturais da luta. Essa abordagem ressalta a importância de uma agenda de estudos no campo

epistêmico em diálogo com o campo social, proporcionando à Luta Marajoara uma base sólida para a afirmação de sua tradição no tempo presente.

#### **4. PRINCÍPIO DA HONESTIDADE E INTEGRIDADE ACADÊMICA**

Refere-se à natureza ética e exige honestidade nas ações, evitando falsidades e omissões na comunidade. A integridade acadêmica é fundamental para retroalimentar a confiança entre os membros e aumentar a confiabilidade da comunidade epistêmica. Isso implica em reprimir o plágio nas publicações e citar frequentemente trabalhos já publicados para reconhecer o esforço da comunidade epistêmica e legitimar o próprio trabalho. Nesse princípio, a boa polêmica intelectual deve ser preservada e incentivada, desde que se concentre na crítica das ideias e ações concretas no âmbito dos acontecimentos da Luta Marajoara. Numa comunidade epistêmica sustentável, não cabe moralismo pessoal entre os atores, mas sim a discussão sobre o que as ideias representam para o jogo político e social na dinâmica da produção e divulgação do conhecimento.

O princípio da honestidade e integridade acadêmica destaca um aspecto importante na produção de conhecimento sobre a Luta Marajoara, que é o reconhecimento dos esforços de todos os pesquisadores dos variados campos epistemológicos envolvidos no estudo da luta, desde que pautados por códigos de ética e práticas compatíveis com a boa conduta acadêmica (Mainardes, 2023). Na comunidade epistêmica da Luta Marajoara, seguindo as reflexões de Mainardes (2023), o bem agir é uma atitude promissora para a melhoria contínua dos trabalhos e o convívio saudável entre grupos de pesquisadores. Esse é um desafio que alinha com as aspirações da comunidade, cada vez empenhada na construção de bases teóricas e práticas sólidas para expandir o campo científico da Luta Marajoara.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história e a importância da Luta Marajoara transcendem as arenas de enfrentamentos e disputas individuais. Como refletimos neste ensaio, a comunidade epistêmica da Luta Marajoara deve ter como papel registrar a memória, avaliar e produzir conhecimento socialmente relevante sobre essa luta brasileira, agregando atores com experiência e competência legitimada para compreender suas práticas e preservar seus aspectos peculiares.

Em termos de resultados, o artigo situou inicialmente o panorama da produção de conhecimento sobre a Luta Marajoara no Brasil, indicando três caminhos de pesquisa para o campo epistêmico nos quais os autores podem empreender investigações: 1) Questões históricas e socioculturais da Luta Marajoara. 2) Legitimação curricular da Luta Marajoara. 3) Relações entre esportivização e tradição. Como partimos da ideia de que a caixa de pandora da

Luta Marajoara foi desvendada, reconhecemos que importantes investigações já foram elaboradas dentro dos eixos temáticos listados acima. No entanto, existe espaço acadêmico e necessidade social não somente para a ampliação destas discussões, como também para a solidificação de uma ligação ainda maior em bases colaborativas e solidárias entre os sujeitos do campo social e científico da Luta Marajoara, sendo essa a intenção do chamado para a construção de uma comunidade epistêmica.

Baseando-se teoricamente no princípio da exclusão competitiva, que de forma análoga relaciona as práticas do campo acadêmico com as práticas capitalistas, sugerimos que a comunidade epistêmica da Luta Marajoara necessita se fundamentar em valores de solidariedade, diálogo e colaboração, em detrimento de jornadas individuais e solitárias. Trata-se então, de um convite para o esforço coletivo que visa o prosseguimento e avanços qualitativos nas pesquisas sobre a Luta Marajoara, na perspectiva de imbricar os campos científicos e social na busca pelo maior reconhecimento e valorização desta prática corporal brasileira.

## NOTAS

### CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

### AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuiram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

*Carlos Afonso Ferreira dos Santos* - Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Rogério Gonçalves de Freitas* - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

*Renan Santos Furtado* - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

*Welison Alan Gonçalves Andrade* - Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

*Fábio José Cardias-Gomes* - Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; CARVALHO, Nazaré Cristina. Entre machados, leite de onça e ombros devotos: a Luta Marajoara na festa de corte dos mastros de São Sebastião em Cachoeira do Arari. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras*, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 40-50, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v15iEspecial.4339>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: 1ª versão – Consulta Pública*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

CAMPOS, Ítalo Sérgio Lopes; JÚNIOR, Amauri Gouveia; ANTUNES, Marcelo Moreira; TORRES, Monica da Silveira. Análise do comportamento técnico da luta marajoara. *Motricidade*, v. 18, n. 2, p. 282-287, 2022. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/27711>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CAMPOS, Ítalo Sérgio Lopes; BORBA-PINHEIRO, Claudio Joaquim; GOUVEIRA, Amauri. Modelagem do comportamento técnico da Luta Marajoara: do desempenho ao educacional. *Revista Brasileira de Ciências e Movimento*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 209-217, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/9421>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: Edições 70, 2019.

FURTADO, Renan Santos. Tensões, aprendizagens e reflexões no trato com as lutas na escola: relato de uma experiência de autoformação no Ensino Médio. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, jan./jun. 2023. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/130380>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAAS, Peter. Epistemic communities and international policy coordination: introduction. *International Organization*, v. 46, n. 1, p. 1-35, 1992.

LIMA, George Almeida; JUCÁ, Luan Gonçalves; FERREIRA, Heraldo Simões; MALDONADO, Daniel Teixeira. Tematização da Luta Marajoara nas aulas de Educação Física escolar: indícios de uma pedagógica crítica. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 1-9, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/130740>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LIMA, George Almeida; PEREIRA, Marcos Paulo Vaz de Campos; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Produção científica sobre a Luta Marajoara no Brasil: um estudo de revisão integrativa e análise do estado da arte. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, v. 15, n. 38, p. 344-366, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1431>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MAINARDES, Jefferson. Ética, integridade e cultura de integridade: reflexões a partir do contexto brasileiro. *Horizontes*, Itatiba, v. 41, n. 1, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1624>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NUNES, Murilo; CAMPOS, Ítalo; BORGES, Carlos; ANTUNES, Marcelo Moreira. A Luta Marajoara na atualidade: percepções de atletas e ex-atletas da modalidade. *Movimento*, v. 29, e29012, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/xH3MDFcXvdKdFgRzC7jL3Kr/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. "Conheço bem mais uma arte do outro lado do mundo que uma aqui do outro lado do rio": luta Marajoara e reconhecimento em academias de ginástica. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 39, p.01-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/64667>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Itinerários de combate da federação paraense de Luta Marajoara. *Journal of Physical Education*, v. 34, e3415, 2023b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/GTycHkCQ8P4S6tNZvS7P9m/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta Marajoara na escola: relatos de uma sequência pedagógica para o 3º ano do ensino fundamental. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, jan./jun. 2023a. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/128914>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/19262>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Carlos Afonso dos; GOMES, Ivan Carlo Rego; FREITAS, Rogério Gonçalves de. Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-24, janeiro/março, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e65668>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry. *Academic capitalism: politics, policies, and the entrepreneurial university*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Educação Física na escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Recebido em: 25 jul. 2024  
Aprovado em: 03 set. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

